

## FASES DA LITERATURA SURDA BRASILEIRA: PERÍODOS, ESTILOS E OBRAS

Janaina Aguiar Peixoto <sup>1</sup>

### RESUMO

Estudar as escolas literárias é fundamental para a compreensão da evolução da literatura no Brasil colonial e pós-colonial, e significa acompanhar temporalmente a transformação dessa manifestação artística, visto que os autores convergem para as mesmas características estilísticas de acordo com cada época. Levando isto em consideração, de maneira similar, este estudo teve como objetivo geral apresentar uma linha do tempo das fases da literatura surda brasileira. Este macro objetivo se desdobrou nos seguintes objetivos específicos: evidenciar o período; identificar características estilísticas da época; por fim, apresentar exemplos de obras que representem cada fase literária. Para tanto, o presente trabalho está ancorado teoricamente em Sutton-Spence (2021). Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo desenvolvido é de base bibliográfica e documental, por recorrer a um acervo teórico e a páginas de *websites*. Em relação à abordagem, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, por ser um estudo de cunho descritivo e não quantificável. Entre os resultados alcançados nesta proposta inédita de estudo sobre a periodização da literatura surda brasileira, é possível destacar as discussões apresentadas sobre as manifestações literárias desta comunidade linguística relacionadas ao momento histórico, político e social nos últimos anos, períodos estes que evidenciam a trajetória desta tradição literária sinalizada em nosso país, que, embora recente, já apresenta publicações de diferentes gêneros literários que emergem da cultura surda.

**Palavras-chave:** Literatura Surda, Libras, Época, Características, Tradição Sinalizada.

### INTRODUÇÃO

Quando estudamos Literatura, aprendemos que, tradicionalmente, ela é dividida em escolas literárias. Há 14 escolas literárias no mundo, são elas: Trovadorismo, Humanismo, Classicismo, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e Tendências Contemporâneas (Pós-modernismo).

Desta maneira, quando falamos da **fase** da literatura brasileira denominada de Romantismo, reportamo-nos ao **período** compreendido entre 1836 a 1881, no qual ocorreu a busca da identidade nacional e o resgate do folclore, da cultura popular e das tradições. As **obras** desta época abordavam temas como o índio, a exaltação da natureza, os regionalismos e a realidade social do país. Um exemplo de obra do Romantismo é a publicação pioneira desta fase: *Suspiros poéticos e saudades*, com a autoria de Gonçalves de Magalhães. Em relação ao

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [janaina.peixoto@academico.ufpb.br](mailto:janaina.peixoto@academico.ufpb.br)

**contexto histórico** mundial da época, podemos destacar o fato de que a burguesia estava no poder, ao passo que, no contexto histórico brasileiro da época, destacamos as lutas abolicionistas e o segundo império.

Como vimos neste recorte da periodização da literatura brasileira, apresentamos o nome da *fase*, e, por fase, entendemos épocas com características próprias de algo que está em evolução, ou que vivencia mudanças sucessivas. O segundo elemento apresentado foi o *período* (espaço de tempo que transcorre entre duas datas ou dois acontecimentos marcantes). O terceiro elemento evidenciado foi o exemplo de no mínimo uma *obra* literária que represente as características dos discursos transformados em textos<sup>2</sup> publicados naquela época. O quarto elemento consiste no *contexto histórico*, que pontua circunstâncias ou fatos relacionados a determinada época, como um cenário político, social, cultural e econômico que influenciou as temáticas e o estilo das obras literárias.

Neste momento, uma questão pode ser levantada: por que agrupar escritores de acordo com suas características estilísticas, temáticas e de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridos? A resposta é simples: estudar as diferentes fases da literatura é fundamental para compreender a evolução literária, o que significa acompanhar a transformação da arte e da produção cultural no povo ou na comunidade de onde emergem as obras literárias, posto que os artistas convergem para as mesmas características de acordo com a época.

Com a mesma finalidade didática e devido à ausência de pesquisas com esta temática e ao seu ineditismo, este estudo objetiva apresentar de maneira similar uma linha do tempo das fases da Literatura Surda Brasileira. Elaborada pela autora deste estudo, esta proposta de periodização da literatura surda brasileira foi utilizada na ministração da disciplina Tradição Literária do Povo Surdo do Programa de Pós Graduação em Letras, que possui alunos mestrands e doutorandos, surdos e ouvintes, com pesquisas sobre esta temática. Nesta proposta de periodização literária, além dos quatro elementos citados anteriormente (*fase, período, obras, contexto histórico*), foi acrescentado o quinto elemento, *estilo*.

Contudo, vale ressaltar que, neste artigo, abordamos de forma introdutória a estética literária em libras, fundamentada em Sutton-Spence (2021), pois apenas apontamos para futuras discussões e aprofundamentos em estudos sobre as características estilísticas, que significa: o conjunto de tendências e características estéticas que identificam ou distinguem uma obra, um artista, ou determinado período ou movimento artístico-literário.

---

<sup>2</sup> No sentido mais amplo de texto, que não necessariamente um texto escrito.

## METODOLOGIA

Em relação ao percurso metodológico e aos procedimentos técnicos, este estudo desenvolvido é de base bibliográfica e documental, por recorrer a um acervo teórico e a páginas de *Websites* para coleta das obras e dos dados sobre os contextos históricos das fases literárias. Em relação à abordagem, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, por ser um estudo de cunho descritivo e não quantificável.

No primeiro momento, realizou-se uma revisão teórica sobre a Literatura Surda Brasileira. Posteriormente, uma coleta na internet de obras literária de autores surdos-brasileiros publicadas em Libras e em Língua Portuguesa. No segundo momento, foi aplicado o conhecimento sobre Estética Literária da Libras (Sutton-Spence, 2021), para identificar o estilo composicional das obras.

Para identificar o estilo das obras de cada período, fizemos uma análise detalhada dos elementos estéticos presentes nas obras aqui coletadas. As obras do acervo coletado, 100<sup>3</sup> obras, foram assistidas e, à medida que os elementos estéticos foram surgindo, eles foram identificados e listados, a fim de percebermos quais os elementos mais frequentes ao acervo encontrado. Os elementos estéticos observados foram: velocidade, estruturas espaciais, o uso da mesma configuração de mão, morfismo, incorporação de humanos, antropomorfismo, o uso de classificadores, elementos não manuais e o uso de perspectivas múltiplas, metáforas, repetição, ritmo e rima.

Após a coleta e análise da linguagem estética literária das obras, aconteceu o 3º o momento, que consistiu em coletar os fatos históricos de cada época que favorecem e auxiliam na compreensão do conteúdo das obras encontradas. Por fim, a elaboração da proposta da linha do tempo com as fases da Literatura Surda Brasileira.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Existe um risco em definir o que é literatura, pois, equivocadamente, isto pode limitá-la e assim fazê-la finita, o que ela não pode ser, devido a sua própria essência. A amplitude da indagação – “que é literatura?” – vai além da possibilidade de alcançarmos uma resposta

---

<sup>3</sup> Há muito mais que 100 obras da literatura surda brasileira publicada ao longo dos anos, contudo, na amostra não foi delimitado inicialmente o número de obras literárias coletadas, por ser uma pesquisa qualitativa. Desta maneira, à medida que os elementos estéticos se tornaram repetitivos e os dados colhidos foram considerados suficientes para identificação do estilo literário de cada época, o experimento não foi mais realizado.

definitiva para esta questão tão complexa. Então, em concordância com Cândido (1976), nos convém aceitar suas conexões com as intenções e o estilo do autor, com o mundo como sujeito e matéria da obra, com a recepção do leitor, com a tradição de uma história literária e com os juízos de valores de cada época. Assim, é do cruzamento do real simbolizado pela palavra como arte, associada à vida, que a literatura assume sua existência e exerce grande poder transformador na humanidade.

Cada vez mais, novas literaturas são objetos de estudo na academia neste mundo hodierno que desperta novas demandas pela sua heterogenia. A Literatura Surda Brasileira, por exemplo, é um objeto de estudo recente no âmbito acadêmico brasileiro. A capacidade de produzir textos literários tanto na Língua Portuguesa como na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por parte de pessoas surdas é inquestionável. Entretanto, em decorrência da modalidade da língua de sinais, que é visuo-espacial, registros anteriores ao advento da câmera, são raros.

Porém, com o passar do tempo, o acesso às tecnologias de registro em vídeo e a democratização no acesso à internet fomentou novas formas de produzir literatura em Libras e em qualquer Língua de Sinais. O desejo pulsante pela arte sempre esteve presente no íntimo dos sujeitos surdos, pois o fazer artístico é uma necessidade do ser humano (Hegel, 2004). Todavia, a arte literária, que possui como matéria-prima a palavra/sinal, só pode florescer se for regada pela educação, pois torna-se impossível o despontar dessas habilidades em um ambiente inóspito, como nos séculos de exclusão e silenciamento das pessoas que vivenciam o mundo através de experiências visuais e não sonoras, ou seja, os sujeitos surdos.

Para a literatura florescer, além do solo regado pela educação, é necessário que a comunidade surda desenvolva raízes fortes, como esclarece Peixoto (2023, p. 16): “à medida que há um desenvolvimento linguístico, educacional e político no contexto desta comunidade, conseqüentemente há um crescimento nas produções literárias”. Isto ocorreu de forma evidente, quando a campanha que mobilizou milhares de pessoas surdas em todo o Brasil e culminou com uma passeata em Brasília, no dia 26 de setembro de 1999, onde foi entregue um documento reivindicando o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a criação de escolas bilíngues para surdos e a formação de professores surdos ao presidente da época, Fernando Henrique Cardoso.

Em 2002, veio a aprovação da Lei nº 10.436, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos e o Decreto de nº 5.626 em 2005, que regulamentou a Lei nº 10.436, estabelecendo normas para a implementação da educação bilíngue para surdos no Brasil. Esse aparato legal determinou que as escolas devem

ofertar aos alunos surdos um ensino de qualidade, tendo Libras como primeira língua de instrução e a língua portuguesa como segunda língua, em modalidade escrita.

Conseqüentemente, permeado de uma atmosfera de desenvolvimento educacional, político e linguístico, o ano de 1999 foi um marco, pois a primeira coletânea literária em Língua de Sinais foi publicada em VHS pelo poeta surdo Nelson Pimenta, intitulada “Literatura em LSB<sup>4</sup>”. Encontramos, então, a literatura surda como uma forma de consolidar e reconhecer a identidade, a cultura e a língua das pessoas surdas. Com base nisso, os estudos com foco nesta área começaram a ganhar notoriedade, quando os primeiros cursos de Letras Libras na modalidade a distância surgiram, trazendo a disciplina específica e inédita de Literatura Surda na Universidade Federal de Santa Catarina (2006) e na Universidade Federal da Paraíba (2010).

Outro marco significativo, e mais recente, foi o livro “Literatura em Libras”, de Rachel Sutton-Spence, que apresenta uma fundamentação teórica e metodológica que norteia estudos voltados para a Literatura Surda e sistematiza a forma de analisar a linguagem estética literária das obras publicadas em Libras. De acordo com a autora, para um texto artístico<sup>5</sup> ser considerado Literatura Surda, precisa apresentar pelo menos um dos seguintes critérios: “1) ser feita por surdos; 2) tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; 3) ter o objetivo de atingir um público surdo 4) ser apresentada em Libras” (Sutton-Spence, 2021, p. 44).

Além disso, Sutton-Spence (2021, p. 56) afirma que “a linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação”. Sendo assim, na composição das obras literárias em Libras, podemos encontrar os seguintes elementos da linguagem estética: velocidade, estruturas espaciais, o uso da mesma configuração de mão, morfismo, incorporação de humanos, antropomorfismo, o uso de classificadores, elementos não manuais, o uso de perspectivas múltiplas, metáforas, repetição, ritmo e rima (Sutton-Spence, 2021).

A **velocidade** tem como base o movimento. Em discursos do cotidiano, as mãos se movimentam em velocidade mediana, mas, em discursos literários, a velocidade (devagar ou rápida) do movimento pode ser usado para evocar sentimentos e destacar detalhes na obra. O elemento estético denominado de **estruturas espaciais** consiste na exploração do espaço de

---

<sup>4</sup> LSB: Língua de Sinais Brasileira, é uma sigla que segue o padrão das siglas internacionais referentes às línguas de sinais de outros países (LSF-Língua de Sinais Francesa, ASL- Língua de Sinais Americana...), e que foi mais comumente utilizada antes da lei 10.436/02 que optou por adotar a sigla LIBRAS.

<sup>5</sup> O texto literário utiliza de uma linguagem artística (estética) diferente da linguagem que utilizamos corriqueiramente no cotidiano, como por exemplo em: bilhetes, e-mail, notícias.

forma simbólica, permitindo representar emoções, distâncias e abismos desconhecidos. Pode ser dos tipos ltopográfico, simbólico (metafórico) e simétrico.

Já a utilização da **mesma configuração de mão**, para causar um efeito estético nas obras similar ao acróstico, pode ser com letras do alfabeto manual, com números, ou ainda com nomes de pessoas/instituições/local/datas comemorativas que se pretende homenagear. Este recurso pode ser utilizado durante todo o desenvolvimento da poesia, ou em trechos específicos. O **morfismo** consiste no elemento estético, no qual ocorre a união de dois sinais. Um sinal inicia onde o outra termina. Esta estratégia cria imagens visualmente agradáveis.

**Incorporação de humanos** significa a utilização da estratégia do autor/poeta/tradutor sinalizante mostrar com o próprio corpo. Ou seja, consiste em utilizar a representação corporal de emoções ou experiências, para conduzir o público à identificação dos personagens (criança, bebê, idoso, mulher, entre outros), através da sua postura corporal e do jeito que movimenta o corpo.

O **uso de classificadores** envolve a utilização de morfemas da língua de sinais, que, por meio das configurações de mão, descrevem visualmente forma, tamanho, ação, características, entre outras interações entre personagens e objetos, aprofundando a visualização do conteúdo da obra.

Chamamos de **Elementos não-manuais** os movimentos de corpo, cabeça, boca e olhos que acrescentam camadas de significado, beleza e emoção à sinalização do texto literário apresentado. A estratégia estética denominada de **Perspectivas Múltiplas** consiste na representação de diferentes pontos de vista, semelhante aos efeitos cinematográficos de *close-up* e plano geral.

O emprego de **Metáforas** é o elemento estético da linguagem literária que usa informações concretas para representar ideias mais abstratas, às vezes com significados ocultos que requerem um certo esforço para sua interpretação. O elemento **Antropomorfismo** é a atribuição de características humanas a seres inanimados ou a animais, o que permite ao público a experiência de visualizar comportamentos inesperados e outros esperados nesses corpos não humanos.

O último elemento da linguagem estética literária em Libras apresentado pela autora é denominado de **Repetição, ritmo e rima**, que diz respeito ao uso repetitivo de sinais, frases ou tempos para enfatizar conceitos, gerar tensão/suspense ou criar ritmo visual. Pode ser relacionado ao efeito de rima.

Por fim, antes de passarmos para a discussão dos resultados vale destacar ainda que “a estilística se preocupa com a(s) maneira(s) de exprimir o pensamento por meio da linguagem e

tem como objeto de estudo a expressão linguística e mais precisamente o estilo” (Cardoso, 2017, p. 1728). A autora continua explicando que, em relação ao discurso literário “é preciso ter em mente que a literatura reflete os estilos da linguagem da época e reproduz em forma de texto as transformações da língua e da sociedade” (Cardoso, 2017, p. 1730), como veremos a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os resultados alcançados nesta proposta inédita de estudo sobre a periodização da **literatura surda brasileira**, é possível destacar as discussões apresentadas sobre as manifestações literárias desta comunidade linguística relacionadas ao momento histórico, político e social, no período compreendido de 1987 até os dias de hoje.

Esse período evidencia a trajetória desta recente tradição literária sinalizada em nosso país, que, embora nova, se compararmos com outras tradições literárias, a literatura surda brasileira já apresenta publicações de diferentes gêneros literários que emergem da cultura surda.

Quando falamos de literatura brasileira, nos referimos a Era colonial e Era pós-colonial (Era nacional). De acordo com a investigação feita neste estudo, tratando-se de literatura surda brasileira, adotaremos os termos Era Oralista e Era Pós-oralista. Denominamos de Era oralista a época onde as pessoas surdas não eram vistas como pessoas educáveis ou racionais, e a língua de sinais não era aceita, apenas a língua oral caracterizava um ser humano pensante com as habilidades cognitivas intactas, ou seja, os ouvintes.

Considerando este fato, durante a Era Oralista, não é possível identificar registros da produção literária da comunidade surda brasileira, pois nesta época os sujeitos surdos de nosso país nem se organizavam como uma comunidade linguística ainda, pois viviam como sujeitos isolados da sociedade, e, como vimos anteriormente, para haver um desenvolvimento literário, é necessário que haja primeiro um desenvolvimento educacional, linguístico e político (Peixoto, 2023, p.16). A Literatura Surda Brasileira começa a ter um pouco mais de liberdade para ser produzida somente a partir de 1987 com a introdução da Língua de Sinais<sup>6</sup> no ensino de Surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) fundado por Dom. Pedro II, em 1857.

Então, com base nas informações colhidas durante nossa pesquisa encontramos a seguinte linha do tempo:

---

<sup>6</sup> Vale salientar que a Língua de Sinais foi ofertada de maneira optativa para alunos e familiares, não no currículo da instituição anteriormente chamada de Instituto Imperial de Surdos-Mudos (Rocha, 2008)

Imagem 1: Linha do Tempo

### LINHA DO TEMPO DAS FASES DA LITERATURA SURDA BRASILEIRA



Fonte: Elaborada pela autora durante esta pesquisa

Como podemos verificar na imagem, na Era Oralista, temos a fase da invisibilidade literária. Nesta época, em que a pessoa surda era vista como incapaz de ser alfabetizada, as primeiras autobiografias da freira surda Teresa de Cartagena (Século XV) e da autora surda cega Helen Keller (1902) serviram como pontapé inicial para o desenvolvimento literário desta comunidade. Ao escrever na língua oral, essas mulheres surdas desbravaram o universo literário, compartilhando suas histórias de vida para que os leitores da sociedade majoritariamente formada por ouvintes compreendessem a capacidade das pessoas surdas e sua vivência de mundo. O último século desta fase literária com certeza foi a mais importante, pois nela os autores surdos começaram a produzir literatura na sua própria língua, a língua de sinais, e já apresentavam características estilísticas em comum que se destacaram naquela época:

Os primórdios da poesia em língua de sinais, em particular a desenvolvida nos EUA nos anos de 1960 e de 1970, utilizavam configurações de mãos repetitivas nos sinais para criar um sentido de “rima”. Esse método foi usado, de forma pioneira, por Dorothy Miles e por Clayton Valli (1993) na língua de sinais americana (ASL), possivelmente por ambos terem sido fortemente influenciados pela poesia na forma escrita que estudaram. Naquele tempo, muitos acreditavam que a rima (ou outras partes repetidas de palavras, que criam aliteração ou assonância) era fundamental para a poesia (Sutton-Spence, 2021, p. 58).

Desta maneira, vale ressaltar que invisibilidade não significa inexistência, pois, embora não haja registros desta época aqui no Brasil, a resistência literária “das mãos sinalizantes” existia por meio de apresentações presenciais das obras, nos palcos das associações de surdos. Para apresentar de forma sistemática esses dados encontrados sobre a Era Oralista, bem como as fases literárias na Era Pós-oralista, apresentaremos a seguir um quadro com as fases literárias, os períodos, o contexto histórico, as características estilísticas e as obras de cada época.

Quadro 1: Periodização da Literatura Surda Brasileira

<i>FASE</i>	<i>PERÍODO</i>	<i>CONTEXTO</i>	<i>ESTILO</i>	<i>OBRAS</i>
<b>INVISIBILIDADE LITERÁRIA</b>	Antiguidade até 1986	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Surdo como ser amaldiçoado e incapaz;</li> <li>- Filosofias educacionais;</li> <li>- Criação do INES em 1857;</li> <li>- <i>Publicação da Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>=&gt; Autobiografias;</li> <li>=&gt; Resistência literária com apresentações em Associações;</li> <li>=&gt; Autores pioneiros de obras em ASL;</li> <li>=&gt; Rima com a mesma configuração de mão (similar à aliteração);</li> <li>=&gt; Uso de metáforas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Admiração das coisas de Deus</i> (Séc.XV);</li> <li>- <i>A história da minha vida</i> (1902);</li> <li>- <i>Árvore solitária e firme.</i></li> </ul>
<b>PRESENCIALISMO</b>	1987 até 1998	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Época “face a face;”</li> <li>- Luta pelos direitos;</li> <li>- Declaração de Salamanca;</li> <li>- Língua de Sinais no INES como optativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>=&gt; Apresentações presenciais de poesias, histórias delimitadas e narrativas de humor;</li> <li>=&gt; Ironia, humor e representação teatral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O lenhador e a árvore;</i></li> <li>- <i>Pássaro Surdo;</i></li> <li>- <i>Homenagem à Associação.</i></li> </ul>
<b>NOVA ÉPOCA ÁUREA</b>	1999 até 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comparada à época áurea;</li> <li>- Leis;</li> <li>- Investimento do MEC na Literatura em Libras;</li> <li>- Publicação nas redes sociais;</li> <li>- Ameaça de fechamento do INES e movimentação político-artístico literária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>=&gt; Clássicos adaptados;</li> <li>=&gt; Textualização: mudança das apresentações presenciais para obras registradas em vídeo e em VHS, DVD e internet;</li> <li>=&gt; Temática das obras: mundo surdo;</li> <li>=&gt; Produção de textos híbrido;</li> <li>=&gt; Ênfase na ENM, Classificadores, Simetria e Metáforas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Publicação da 1ª coletânea Literatura em LSB (VHS);</i></li> <li>- <i>Cinderela Surda;</i></li> <li>- <i>Mãos do Mar;</i></li> <li>- <i>Lamento Oculto de um Surdo;</i></li> <li>- <i>Luz sem Fim;</i></li> <li>- <i>Ser Surdo;</i></li> <li>- <i>Voo sobre o Rio;</i></li> <li>- <i>Farol da Barra.</i></li> </ul>
<b>FOLCLORISMO</b>	2014 até a atualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Época dos festivais de folclore surdo;</li> <li>- Período de explosão criativa com novos poetas e gêneros literários;</li> <li>- Antologias de Literatura Surda;</li> <li>- Após 162, conquista de um surdo diretor do INES.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>=&gt; Exaltação do folclore sinalizado;</li> <li>=&gt; Retomada aos palcos com festivais e batalhas de Slam;</li> <li>=&gt; Novos gêneros literários como: Renga, Haicai e Duetos;</li> <li>=&gt; Liberdade estilística, mas ênfase em classificadores e a simetria.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Os Craques da Libras,</i></li> <li>- <i>Festival de Folclore Sinalizado: Fernanda;</i></li> <li>- <i>Negro surdo;</i></li> <li>- <i>Pequeno manual da Cultura Surda;</i></li> </ul>
<b>DIGITALISMO</b>	2019 até a atualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Época das <i>Lives</i>;</li> <li>- A pandemia e a virtualização da vida;</li> <li>- Saraus e eventos online de Slam, Visual Vernacular e Cordel.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>=&gt; Expansão temática: COVID, Território e Empoderamento feminino;</li> <li>=&gt; Ênfase nos gêneros: Visual Vernacular, Cordel e Slam;</li> <li>=&gt; Destaque para o uso de técnicas cinematográficas na sinalização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Fique em casa Vs Vamos trabalhar;</i></li> <li>- <i>Cordel Kika e a estrela encantada;</i></li> <li>- <i>Meu ser é nordestino;</i></li> </ul>

Fonte: Elaborada pela autora

Como vimos na linha do tempo e no quadro, a Era Pós-oralista, aqui no Brasil, inicia em 1987 com a fase literária que denominamos como Presencialismo devido à forte característica da literatura popular: a obra é apresentada “face a face”. Quando se trata da literatura surda, geralmente o próprio autor da obra apresenta e tem o contato direto com seu público. Este período representa tempos de luta pelos direitos dos surdos como cidadãos brasileiros. A língua de sinais é inserida no INES como optativa, mas já favorece para um começo de liberdade criativa no âmbito literário. Surgem as criações, em língua de sinais muito comuns naquela época, dos seguintes gêneros: história delimitada (de A a Z, números de 0 a 10, acrósticos), narrativas de humor (piadas) e poemas homenagens. Entre as obras mais conhecidas que circulavam nesta fase e foram registradas posteriormente com o avanço tecnológico, encontramos *O lenhador e a árvore* e *Pássaro Surdo*.

Com o advento da câmera de vídeo de maneira mais acessível no Brasil, as obras começaram a ser registradas e a primeira publicação comercial aconteceu em 1999, com a coletânea *Literatura em LSB (VHS)*, do autor surdo Nelson Pimenta. Este período compreendido entre 1999 a 2013 denominamos de Nova Época Áurea, pois nos remete a curta época de ouro na educação de surdos compreendida no período de 1780 a 1880, quando aconteciam as celebrações em forma de Banquetes de Surdos, em que surdos nobres de vários países viajavam até a França para celebrar as conquistas como cidadãos depois do método de ensino do Abade Michel de L’Eppè, considerado o pai da Língua de Sinais.

Assim como na primeira época áurea, este é um período de muitas conquistas políticas, tais como: o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005), a instituição do Dia Nacional de Surdos (Lei nº 11.796/2008), e o reconhecimento da profissão Intérprete de Libras (Lei nº 12.319/2010). Além da conquista no âmbito político, na esfera educacional, o bilinguismo se consolidou como filosofia na educação de surdos; e o INES, embora ameaçado de ser fechado pelo MEC em 2011, não encerrou os seus trabalhos, graças à reação em forma de movimento político-artístico literário. Foram realizadas muitas passeatas, apresentações artísticas, e, em 2011, nas redes sociais, foram publicadas importantes obras com forte teor metafórico: *Lamento Oculto de um Surdo*; *Mãos do Mar*; *Luz sem Fim* e *Ser Surdo*.

A outra fase literária, o Folclorismo, iniciou-se em 2014 e continua existindo até os tempos hodiernos, visto que começou um tempo de explosão criativa com o início dos festivais de folclore sinalizado e o curso *on-line* de poesia em Libras ministrado pelas professoras Fernanda Machado e Rachel Sutton-Spence. Estes eventos da época fomentaram o surgimento de novos poetas e autores da Literatura Surda, bem como novos gêneros literários e as

antologias de literatura surda. Destaca-se como características o uso de classificadores e a simetria como elemento estético em Libras recorrente na contemporaneidade. As obras que podem representar a temática e o estilo do Folclorismo são: *Os Craques da Libras*, *Festival de Folclore Sinalizado: Fernanda*; *Negro surdo*; *Pequeno manual da Cultura Surda*;

Por fim, apresentamos a última fase, o Digitalismo, denominado desta maneira, pois iniciou-se no período da pandemia, quando forçadamente ocorreu a virtualização da vida. Época das *lives* e dos eventos literários virtuais. Vale ressaltar, ainda no contexto histórico da época, que a posse do 1º surdo brasileiro como diretor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) aconteceu em 2019 e representa uma grande conquista no âmbito político e educacional dessa fase. Na fase digitalista novos temas nas obras surgiram, como COVID 19, Território e Empoderamento feminino. Nesse período, vemos a ênfase na produção de obras dos gêneros: Visual Vernacular, Cordel em Libras e Slam. Como característica estilística, destacamos o uso de técnicas cinematográficas na sinalização. *Fique em casa Vs Vamos trabalhar*; *Meu ser é nordestino*; *Cordel Kika e a estrela encantada*.

Portanto, o Folclorismo e o Digitalismo são movimentos literários da contemporaneidade. O primeiro enfatiza as apresentações presenciais no palco, retomando o contato do autor da obra com o seu público, em eventos como: festivais, saraus, batalhas de slam, competições de Cordel e Visual Vernacular. O segundo evidencia a capacidade notável da comunidade surda de se reinventar e se conectar em um mundo cada vez mais digital, pois o movimento digitalista não é apenas uma resposta à pandemia, mas é um legado duradouro que continuará a inspirar e capacitar futuras gerações de artistas surdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Surda é uma forma de expressão artística que emerge da cultura da comunidade surda, que toma por base as experiências visuais e tem como meio comunicativo a modalidade visuo-espacial, através da Língua de Sinais. A produção deste artefato literário pode ser considerada também uma forma de resistência, de luta e resignificação dos valores identitários dos sujeitos enquanto pessoa e do coletivo que representa.

Na Literatura Surda Brasileira, encontramos obras dos mais diversos gêneros, tais como: poesias, contos, narrativas de humor, fábulas, teatro, parábolas, Haicai, Renga, Cordel, Slam, Visual Vernacular (gênero específico da Literatura em Libras), e muitos outros. Através dessa manifestação artística, a comunidade surda brasileira contribui para a diversidade cultural e linguística da humanidade, que merece ser apreciada, reconhecida e respeitada por todos.

Sendo assim, este estudo inédito possibilitou a identificação das seguintes fases literárias da comunidade surda brasileira: no período compreendido entre a antiguidade a 1986 (Era Oralista), encontramos a fase da **Invisibilidade Literária**; denominamos o período entre 1987 a 1998 de **Presencialismo**; de 1999 a 2013, identificamos a **Nova Época àurea**; o período que inicia em 2014 e continua até os dias atuais foi denominado como a fase do **Folclorismo**; e, por fim, no período compreendido entre 2019 até os tempos hodiernos, identificamos a fase que chamamos de **Digitalismo**.

Além de elaborar uma linha do tempo com a periodização da Literatura Surda Brasileira, este estudo apresentou o contexto histórico, características estilísticas e exemplos de obras que representam o estilo de cada época. Esses períodos evidenciam a trajetória desta tradição literária sinalizada em nosso país, que, embora recente, já apresenta publicações de diferentes gêneros literários que emergem da cultura surda, visando, assim, a uma melhor compreensão da evolução literária da comunidade linguística denominada de comunidade surda brasileira.

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional. 1976.

CARDOSO, E. A.. Estilo e discurso literário. In: Gian Luigi De Rosa, Katia de Abreu Chulata, Francesca Degli Atti, Francesco Morleo. (Org.). **De volta ao futuro da língua portuguesa**. 1ed.Lecce: Università del Salento, 2017, v. 1, p. 1727-1738.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. Percurso Histórico Dos Estudos Literários Na Comunidade Surda Brasileira. In: JÚNIOR, Glaucio Castro Et al (org.). **Saberes e reflexões interdisciplinares: prática e pesquisa**. Itapiranga: Schreiben, 2023. Cap. 2, p. 15-26.

ROCHA, S. M. O INES e a educação de surdos no Brasil. Vol. 1, 2ª edição. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis, RJ. Editora Arara Azul, 2021